

Contemporânea de um tal contexto. Lá fora, a multidão mantida por cordas. Soldados. O prolongado abraço dos homens. A intimidade cor-poral **homem+homem** (soldados dedos enlaçados e rindo). As mulheres prestando atenção em reajustar o lenço. Algumas em burka. Muitos homens armados. Kalachnikov e colete à prova de bala. Pisando o chão. Dizer consigo mesma:

Aqui começaram a escrever dialetos iranianos com letras gregas. Aqui e pela primeira vez Bouddha tomou figura humana sob os traços de Apolo.

**O *rubai* não é um purê de pimentas** mas uma quadra apta a exprimir experiências místicas. Na sopa do tipo “como representar e situar nossas existências numa história que parece cada vez mais se construir na escala de interesses exclusivamente econômicos e financeiros”, despejar três doses de *rubai*. (cf. a propósito da calcinha sob a burka)

**Hoje de manhã**, apesar de ser sexta-feira, Chicken street. Butiques. Tapetes+flores. Olhares insistentes.

**Quase-ausência de mulheres.** Livraria minúscula. Compra de um mapa antigo da cidade. Na volta, impossível achar de novo a guest-house Ali Abad. (Quatro ruas após o cruzamento Charai Amsari). O chofer de táxi não entende. Não sabe ler. Círculos mudos no bairro do hospital. Cães, algumas crianças catando. Inexistência de incinerador para o lixo do hospital. Esta coisa branca que parece uma mão decepada. Envolta num plástico. Imagem perfeita para uma cidade arruinada. *Recém* saída da guerra. Conversa com os médicos. Problemas no abastecimento de sangue. Tráfico, corrupção, higiene. Para fazer transfusão numa mulher, é preciso a autorização do marido. É ele quem paga. Forte mortalidade no decorrer dos partos (nos últimos três meses, desaconselham-na de beber e de comer. Elas chegam anêmicas).

Aqui, Massoud não é um herói para todos. Ele é benquisto somente por uma parte dos Tadjiks. Criticam-no por ter-se conduzido como um senhor da guerra durante a tomada de Cabul, antes da vitória dos talibãs. Centro de Cabul bunkerizado. Avenida central, cons-

trução de um imenso edifício para a CIA. Aumento dos aluguéis e inflação empobrecendo as classes médias inferiores. Um dos médicos conta como o pequeno avião que o conduz em missão a Dje-lalabad decola em espiral e aterrissa do mesmo modo. De maneira a evitar os tiros das montanhas. Fora de Cabul o Estado afegão se descompõe. Tribos, etnias, religiões (um maná para os etnólogos).

**Sonho do livro sem título.** Seu espectro, sempre invisível. Acumular notas. Olhar. Ouvir. Andar por essa cidade sem nome de rua como uma completa imbecil. Cabeça coberta. Tornozelos cobertos. Mangas compridas. Ruas destruídas onde andar exige uma atenção permanente (pavor de quebrar uma perna, acabar num hospital). Sem esgotos funcionando. Cortes de eletricidade todas as noites. Por vezes durante o dia. Esta poeira em tudo. Em suspensão no ar. Depositada em tudo que se mexe e também nos objetos. Coisas mortas ou vivas. Escrever com as mesmas ferramentas que as compradas para desenhar (Faber Castell ecco piment 07 ou lápis de papel Guilgraph 100 HB que é preciso apontar).

Na véspera da partida, em Marselha, abrindo Walser e *seu Território do lápis*, dando com esta frase-viático:

**“Foi talvez por ele ter erguido os olhos para o céu azul e fresco que lhe veio a vontade de partir.”**

Limpidez e doçura da frase dita de cor.

Transportada até aqui.

Depositada agora no *livro sem nome*.

À noite, jantar em casa de Daniel Massat Bourrat, que nos ajuda com o encontro dos poetas afegãos. Presença de dois comissários internacionais responsáveis pelo grande banditismo e pela droga. Pernod, conhaque e vinhos. O que muda do chá verde. Estão armados. À noite Cabul é um território de economias subterrâneas. Trafica-se de tudo, mas é o ópio que está na origem do poder econômico e político. O tráfico se estende ao Irã, ao Paquistão e à Europa. Os senhores da guerra estão diretamente envolvidos na fabricação (taxas recolhidas permitindo-lhes a manutenção dos exércitos). Os americanos não dão atenção (uma vez que a heroína não se exporta prioritariamente aos EUA, que consomem principalmente cocaína). Nenhum desses superpoliciais parece acreditar na possibilidade de uma solução democrática. Uma economia globalizada (droga, ONG, dinheiro dos aliados, ajudas internacionais sob a égide americana) faz desse país um barril de pólvora. Pobreza, analfabetismo, injustiças, incoerências e violências do sistema ali-

mentam os grupos islamistas radicais, fazendo com que alguns até lamentem o desaparecimento do reino dos talibãs. Isto é:

1. Interdição às mulheres de tirar o véu (e de circular sem estarem acompanhadas por um parente do sexo masculino).
2. Interdição de música (fitas e músicas proibidas nos comércios, nos hotéis e nos veículos de transporte).
3. Interdição aos homens de se barbear.
4. Obrigação de rezar. (É obrigatório ir à mesquita durante a reza).
5. Interdição de jogos de pombos e de lutas de pássaros.
6. Eliminação da droga e de seus consumidores.
7. Interdição de empinar papagaios de papel. (As lojas que vendem papagaios são eliminadas).
8. Interdição da idolatria (imagens e retratos devem ser eliminados dos veículos, lojas, casas, hotéis, museus, livrarias, etc.)
9. Interdição de jogos a dinheiro (jogadores presos durante um mês).
10. Interdição dos cortes de cabelo ingleses ou americanos (os homens de cabelo comprido são presos e rapados).
11. Interdição de lucros sobre empréstimos, comissões de câmbio e taxas sobre transações.
12. Interdição às mulheres de lavar roupa nas margens dos rios urbanos.
13. Interdição de música e de dança durante os casamentos.
14. Interdição de tocar instrumentos de percussão.
15. Interdição aos alfaiates de tomar medidas de mulheres e de lhes confeccionar roupas (revistas de moda proibidas).
16. Interdição de feitiçaria (livros queimados).

A esses 16 pontos acrescentava-se **uma mensagem às mulheres** pedindo-lhes que não saíssem mais de casa.

**Hoje à noite, sonhos misturados.** *Comics* com fundo de inquietação.

*Cavalos na poeira. O mollah Omar caolho e depois cego.*

*Um olho depois dois. Fugindo de moto. Ele me explica gentilmente que se obtêm 45 kg de heroína por hectare. Yvan me escreve que Tadjiks, Pachtoun, Ouzbecks e Hazara desfilam em Moscou. A carta é escrita em cirílico, e é um poeta que os soviéticos torturaram que a traduz para mim. Com nojo. Além disso, trata-se de um imame, aquele que foi tão interessado pelas mulheres que escreveu um tratado das menstruações.*

Despertada pelo objeto sonoro chamado reza.

Hoje à noite, três mísseis dispararam em Cabul.

**No instante em que escrevo**, um vento violento agita tudo. Carregado de poeira. Nuvem que faz com que a ponta 07 arranhe o papel, dobrar as folhas + rosas magras dispersas ao longo da parede. Sobre minha cabeça o teto de caniços range.

Areia. Agora é a areia que se

levanta, visível no ar.

Guilaine Kasra e seu interessantíssimo projeto de coleta de narrações.

Ela me empresta o livro de Sayd Bahodine Majrouh *O suicídio e o canto* antologia de *landays* (poesia popular das mulheres pachtoun). Originalmente uma pequena cobra venenosa, **o landay é uma forma breve** (dois versos livres sem rimas mas com escansão). Lançado como um breve vocalise. Os mais subversivos são compostos por mulheres.

*“Dê sua mão meu amor e vamos para os campos*

*Para nos amarmos ou cairmos juntos sob os golpes das facas.”*

Nenhum *landay* feminino para exprimir a esperança ou o temor do além. Diante do interditado, o desejo transgressivo de um gozar imediato.

*“Reína a lenha, faça uma grande fogueira!*

*Quero me oferecer em plena luz!”*

Sayd Bahodine Majrouh, que morrerá assassinado, observou uma evolução dos *landays* coletados nos campos de exílio no Paquistão. Proibido pelo Islã e pelo código de honra tribal, o suicídio da mulher pachtoun manifesta seu

ódio pela lei comunitária. Sem arma nem enforcamento mas com veneno e afogamento. Sem dúvida, “aquele excesso que vem do feminino” de que falava Blanchot...

**Na rua**, no meio dos automóveis, um dromedário. Tranquilo e nu. Conduzido por um homem de idade. No livro que estou lendo, os dromedários carregam as bagagens, os velhos, as crianças, as galinhas, os cordeiros.

Ao lado caminham os homens de turbante e as mulheres de bordados multicoloridos.

**Hoje à noite** gritos na rua. Mais tarde, lá pelas 5 horas, os caminhões. Uivos de cães.

**Hoje de manhã**, táxi até o correio. Muitos olhares. Algumas fotos (difíceis em razão da interdição).

Multidão. Caminhões carregados de homens armados. Soldados. Auto-metralhadoras. Sob o véu de repente uma sensação de absurdo. Mulheres cobertas e que mendigam. Beleza dos homens. Olhos claros. Muitas barbas. Como repensar sua própria existência a partir desses dados. Dessa paisagem social.

#### **VELHAFERRAMENTAVELHASFRASES.**

Todos esses anos “mantendo um caderno” **DESENHARNAS-MARGENS**

isto é insistir em desenhar mal. Desenhos à noite em cadernos achados, etc. O problema: como produzir imagens que estariam em sintonia com as experiências quotidianas de meu uso da vida. Como articular frases ajustadas a esse quotidiano. Escrever ao pé da letra.

#### **FABRICAÇÃOINTERESTRÓFICA.**

Faço frases. Eu mesma sou só um monte de frases. Monto-as, elas não acertam. Mas elas me fazem. Montes de frases desfeitas.

Uma mulher vista como tal. Ou seja, desativada. Espectadora de um quase nada. Sem constatação nem queixa. (Seria o papel dos jornalistas, de alguns artistas, talvez.) Nossa incapacidade de “conscientização”, etc. Uma visão cada vez menos clara do uso que faço das palavras.

Retorno a Chicken street. Compra de uma caxemira. Livraria. Novos cartões postais. Uma foto de Massoud deitado na grama. Eu penso em Proust. O olhar de Proust sobre Massoud deitado na grama.

Imagem da prisioneira. Escondidos, no fundo da minha bolsa, antes de partir, *Albertine disparue e En laisse*, de Dominique Fourcade.  
**DOIS LIVROS POLÍTICOS** para enfrentar essa parte da Ásia.

Em Kandahar, no século XVI, o vinho era destilado a partir de uvas secas.

Espuma ou gordura branca, flutua no céu. **Nuvens.**  
Estreita seteira gradeada ao nível dos olhos. As pregas irradiando em volta do barrete bordado. Devaneio sob as pregas. Possuímos os sexos de nossas ficções. Quais? Em relação ao real, ninguém escapa. Separados do mundo pelas palavras sim, mas aqui os pássaros decapitados nas gaiolas, como a organização de combates de ratos ou de rouxinóis, isso já é uma ficção. Um tempo da narração.

**Nossos corpos atravessados** atravessando por sua vez uma rua, uma cidade, um jardim.

*É com efeito as mulheres que não amamos mais e que revemos após tantos anos, não haveria entre elas e nós a morte, como se elas não pertencessem mais a este mundo visto que o fato de nosso amor não existir mais faz daquelas que elas eram então, ou daqueles que fomos, mortos?*

Para as oficinas de tradução (que ocorrerão nos edifícios do Pen Club), Mansour substituirá Kair. Como esse quase ancião sensível viveu na Suíça como professor de anatomia, recluso em sua casa durante todo o período dos talibãs, não o veremos mais. Não iremos tampouco à vigília dos dervixes, as mulheres têm o acesso interdito. Proponho vestir-me de homem. Dizem-me que é perigoso demais.

### **À noite, imagino títulos.**

Para traduzir, quando as salas estão ocupadas, amontoam-nos num pequeno quarto de paredes verde amêndoa. Ontem, um conto de Khaled Navissa. Em dari, sem maiúsculas. Sem singular nem plural. Num dado momento, para nos explicar a postura do corpo, Khaled se deita na cama e põe a cabeça em cima da mão. Olhando para ele, pergunto-me se a significação da palavra é algo do mesmo tipo da palavra. **Como separar a palavra de seu uso.** Lenço cobrindo-me a cabeça no momento em que me faço esta pergunta.

**Hoje de manhã**, o mausoléu de Nadir Shah no cume de Tek Maranjan. Mágico dos tempos pré-islâmicos, Maranjan acumulara tesouros que no fim da vida ele decide reduzir a cinzas. Desse monte de cinzas nasce a montanha de onde se tem uma vista estratégica de Cabul e arredores. Militares. Nosso táxi é revistado. Mais abaixo o cemitério soviético cujas tumbas foram profanadas e destruídas pelos talibãs. No mausoléu, grafites guerreiras recém traçadas com carvão.

**Bazar** onde compro dois bonés afegãos e um outro bordado. Beleza das frutas secas e especiarias. Mercado chinês fechado.

Em seguida os jardins de Babour, antepassado do Grande Moghol. Onde foram parar as árvores de Judéia e o lilás?

Problemas na entrada onde rechaçam com pauladas os que não podem pagar o ingresso. 5 afeganis para os Afegãos, 100 para mim. Entro com Moujib e subimos em direção aos jardins. Mendigos jovens. Pêssegos descascados cobertos de moscas. Ovos duros. Mais acima, a piscina cercada de grades. Reservada para os homens. Vestidos de calças compridas, a maioria não sabe nadar e se agarra em velhos pneus. Pulam numa água nojenta. Amarro meu lenço. Os guardas se irritam ao me verem e temos que ir embora. Mais abaixo um menino com uma calça de militar expulsa os jovens mendigos com um pau. Tijolos secam ao sol. Uma verdadeira violência: empurrões e gritos. Filhós embaixo de um véu de tule e cobertos de moscas. Meninos carregadores de água com canecas. Pães que os banhistas ainda ensopados devoram. Música.

**À noite**, deliciosa vigília com Geneviève, Eric e Olivier. Eles retornam da missão com pêssegos, abricós e uvas. Ontem houve peixe pescado no rio.

Olivier conta como, na volta, parando para urinar, ele se afastou do caminho, seguindo as pegadas recentes deixadas por carneiros. Alguém então grita que carneiros não assinalam as minas de pólvora (são leves demais). De repente ele se dá conta de que está urinando nas pedras pintadas de vermelho (sinal de minas)...

No que diz respeito às mulheres que viajam, elas não urinam.

Estou esperando por Mansour. Visto uma calça quente que Henri me emprestou porque ela cobre os tornozelos. A que eu queria pôr não está passada a ferro. A outra não é suficientemente comprida.

O calor aumenta e a perspectiva de baixar as mangas até os punhos, pôr de novo aquele maldito lenço na cabeça e esconder o pescoço me dá vontade de relinchar. Eu ia escrever “idéia” (a idéia de...) que suspendi imediatamente. Há um certo tempo já não consigo escrever essa palavra. É o próprio corpo da idéia que me incomoda. Essa coisa que vem e que se chama idéia (uma forma?) se figura como corpo gasoso. Incomoda.

Idéia flatulenta.

Barulho do gerador chegando do outro lado do muro. Ligeira dor de cabeça. Ontem o piano chegando do grande edifício que eu tomara por uma escola (gritos de crianças tão parecidos em todos os recreios do mundo). Mas aqui os desenhos delas e algumas perturbações mentais testemunham anos de guerra ainda próximos. Uma valsa de Chopin. Massacrada. Incansavelmente recomeçada. Penso em Chopin jogando com um lance de dados a estrutura de suas valsas. Fantasma adocicado duplicado por uma fantasia feminina ela mesma desfigurada pela imagem açucarada de uma cultura reservada. A nervosa, a rápida, a viril Chopinete.

### **Ou então**

Imaginar um dervixe tomado de cólicas e atacando uma valsa. Não deu muitas voltas.

No livro de El Afâki que comenta os dervixes volteantes, a narração das vidas pode ser dividida em fenômenos ordenados por rubricas: sonhos – previsões do futuro – dupla visão – comunicação do pensamento – luz contornando o corpo – abertura automática das portas fechadas – ubiqüidade – anestesia – ação à distância – produção de prata e de ouro – capacidade de digestão – relações sexuais – força corporal – inchamento do corpo – instabilidade dos traços – aparições – fantasmas depois da morte – morto se levantando e agarrando o vivo – visão de construções fantásticas – cura de doentes – comunicação com o além – teofanias – respostas a perguntas difíceis – sermões aos animais – vingança dos santos – talismã – alienação mental – longos retiros – desaparecimento súbito...

### **Ou então**

Imaginar um talibã enlouquecido como ficou Nadir Shah filho de sua espada, neto de sua espada. Ele ataca uma valsa não sobre as



teclas bicolores, mas pegando em seus braços um outro talibã e começando a valsar sobre a terra, entre os buracos do mausoléu, não longe do cemitério russo.

**A lá é lisa**

**É uma lista**

**Sou o cachorro**

**Me larga**

**Quem morde mente**

**O meu morreu**

**Pequeno homicídio**

**Vocês dizem agora**

**E o remorso**

**Vem**

**Lento**

**Chave de parafuso**

**O corpo em fuso**

**Não para você**

**Dervixe lento**

Táxi em direção ao correio. Por que entrar **num correio** no exterior provoca em mim uma mistura de apreensão e de prazer erótico? Mesma coisa com **as estações** (não existe aqui) e **as pontes**. Faz muito calor. Suporto mal o lenço. Envio de cartões postais, compra de envelopes e de dois formulários de telegrama. Depois o bazar... Cheiros fortes, mas abricós, pêssegos, melões, uvas de pequenas sementes e maçãs. Compra de dois cadernos para aprender o dari. Aulas de escrita que para mim se transformam em aulas de desenho. Para sair de Cabul, impossível ir para leste e para o sul, que não são protegidos. Má impressão. Bastante nova. A de acrescentar à clausura (impossível andar sozinha à noite) a interpretação ou a decifração de uma cidade em seus idiomatismos mais fictícios. Rumores a respeito de prisões clandestinas no centro da cidade. Numa casa teriam descoberto prisioneiros amarrados, instrumentos de tortura e roupas manchadas de sangue. Muitos mercenários e caçadores de prêmios nesta cidade onde se podem obter arquivos de vídeos de lutas entre a Aliança do Norte e os talibãs (modo de identificar os combatentes do Al Qaeda). FBI e CIA se infiltram nas ONGs e nos serviços humanitários. Penso na decapitação filmada.

Equimoses transferidas.

Sem criminoso não há nada a entender. **São os criminosos que colocam para nós as questões do mundo.** A da nossa participação. (No mundo).

Em trilha sonora, o poema de DF

*“vitima (vocês disseram carrasco? América?)*

*quantos i sofrendo*

*só a coleira*

*em todas as letras*

*é insubstituível”*

Daniel contando como graças à TV satélite, os sites pornô são hoje acessíveis aos afegãos. Os mais fortes são os mais procurados. Como conciliar a prática pornô e o controle das mulheres. Com que mulheres?

(cf. “aquele excesso que vem do feminino” Blanchot)

Montar aqui a estrofe indicando que em outubro 2001 o ministério americano da Defesa aperfeiçoara o apagamento visual dos bombardeios de Cabul ao comprar a exclusividade dos direitos sobre todas as imagens disponíveis no Afeganistão e nos países vizinhos.

*Cevada frumento centeio arroz milho abricós peras maçãs nozes amêndoas pêssegos marmelos amoras ameixas uvas romãs figos ervilhas favas grãos rabanetes linho colza ervilha-de-cheiro rúcula luzerna papoula lentilhas trevo cenouras pepinos girasóis tabaco batatas grão-de-bico abóbora melão anis eleagnácea algodão cebola tupinambá gengibre cana-de-açúcar camelos dromedários cavalos burros onagres pôneis cabras carneiros yacks bútiós águias falcões grandes duques corujas*

**À tarde durmo** depois de uma ducha. Impressão de ter engolido quilos de poeira. Leitura de Proust. Lá embaixo a notícia de que o vice-presidente se demitiu. A cidade aguarda desordens. Um e-mail pede para não sairmos da guest-house esta noite. A embaixada da França mandou construir um muro tipo blockhaus em torno de seu edifício. Helicópteros de proteção (vigilância) não param de sobrevoar a cidade. Eric me explica que se os tiros da kalachnikov explodirem, devemos voltar para dentro porque as balas de 4 centí-

metros que sobem até 1 quilômetro podem ferir ao caírem e o teto de junco sob o qual, no pátio, eu insisto em ler Proust é uma proteção insuficiente. Em Pechawar, no decorrer de casamentos, viram balas que ao caírem mandaram os convidados para o hospital. Entro para dentro, de costas para o ventilador. Fumo e desenho. Na realidade é Karzaï que afastou seu ministro da Defesa Molhamed Fahim para substituí-lo pelo irmão de Massoud, embaixador em Moscou. Esse gesto é percebido como uma tentativa de reduzir o poder dos senhores da guerra. Mohamed Fahim tinha por apelido “o carnicero do Norte”. Exemplo: ele prendera os talibãs em contêineres, esfaimara-os, ao cabo de alguns dias mandara atirar nos tais contêineres para acabar com os sobreviventes. Todas essas imagens. Armazenadas. Em movimento. E que se aglutinam.

Sua tiragem diferida. E estes mortos anônimos cujos ossos se desfazem (Pachtoun, Tadjiks, Nouristanis, Turcomenos, Hazara...)

E eu, movendo-me num corpo. Um corpo numa língua, mastigando arcaica, estrangeira e travessia. O corpo imerso nas imagens. Nele passa o fluxo eventual, dia após noite. Durante o sono, a máquina não dorme. Ela prossegue o seu trabalho de múltiplas entradas. Desenvolve planos. Inverte outros. Velha conversa com meu caranguejo.

Coleta de imagens para a encenação de um livro.

C  
CA  
BU  
UL  
L

(Quando a distância entre o real e sua representação atinge a imagem ampliada). Vejo apenas amostras. Descrevo-as para mim mesma para confirmar que ainda sou eu que estou aqui nesta cidade. E que ando. **ESCREVERANDAR.**

## SENTADAESCREVENDO

### DEITADADESENHANDO

Você pinta. Você apaga. Você se lembra.

*Um chefe mongol não hesita em ferver em setenta marmitas toda a população de um acampamento inimigo depois de ter decapitado o*

*chefe e sem virar para trás arrastar a cabeça dele amarrada no rabo de seu cavalo.*

*Os Tártaros capturaram Ambakaï-Khan e entregaram-no aos Kin. Pregaram-no a um asno de madeira, esquartejado ainda vivo e moído em pedaços.*

## “CRUELMENTE”

No centro, encontramos Habidulah Rafi que marca um encontro conosco na Academia de ciências. Informam-nos da morte da escritora Leila Saraha Roochanie na Holanda e do repatriamento de seu corpo. Eles estão aqui para preparar a cerimônia de recepção do corpo. O chá que bebo é perfumado de cardamomo. Ela faleceu de um câncer. Minha recente intimidade com essa palavra. Como aposteriorço o simples fato de estar viva. O que procuro me deslocando. Todos esses rostos. As paisagens são imagens. As imagens se sobrepõem, então como escolher, fixar e depois montar (quem monta o quê sobre o quê), modificar alguns traços (em detrimento do real). Só os rostos resistem. Principalmente os anônimos. De repente eu penso:

### “Comer na mão do outro”

(qualquer um em qualquer lugar, essa mulher encadeada em seu véu, a criança que perdeu as pernas, se arrasta no chão na poeira, aquele que no meio dos automóveis vende um pacote de sabão em pó, perdido, distante, como se inventado... Através da janela do táxi um tempo imóvel, conto as lêndas nos cabelos dele).

Quem vai estudar a influência das guerras sobre as línguas? Quem, fazendo-o, o fará em língua, em prosa ou em verso. Nenhuma editora aqui até hoje. E o sexo? **Quem falará em sexo como se fala em dari ou em pachtoun?**

Olho a poeira que dissimula a colina atrás da paisagem, além das árvores. Como escrever essa poeira que não é areia nem tampouco cinza, mas uma natureza intermediária e que recobre tudo. Compreendo agora esta frase: “Falo com meus mortos”. Essa mesma que me levava a crer com uma certa vergonha que minha avó era louca. VIVA. Ela estava VIVA. A mais viva do rebanho que formávamos ao seu redor. *Não é porque os outros morrem que nossa afeição por eles se atenua, é porque nós mesmos morremos.*

Sim, a história é carne humana.

O aspecto de uma paisagem, *isso não quer dizer nada*.

Como a informalidade da arte que não é informal. Uma participação sem dependência. Quando fórmulas como “abiologiaéodestino” lavram quem olha+quem escreve.

**EKRITUR-DESS(E)IN**

**Não um dado natural mas uma formação violenta, imposta.**

**SOBREVIDA**

**(Algo de + e de melhor que a vida)**

Assim que nos afastamos da cidade, visão de carcaças de tanques, de carros blindados e de canhões abandonados na paisagem dos vales. Fala-se ainda de “spetsnaz”, transportes de tropas blindadas, os caminhões são cercados por cinquenta tanques protegidos por vinte helicópteros de combate. Esses comboios, precedidos por bombardeios aéreos e por tiros de artilharia pesada, limpam os eixos de comunicação, isto é, destroem tudo que aparece no caminho: casas, árvores frutíferas, canais de irrigação, gado. No discurso de mulheres poetas, os soviéticos parecem ter sido uma experiência pior do que os talibãs (cf. o desenlçamento social) e eu andando por Cabul e me lembrando que as belas artes são em numero de cinco, ou seja, a pintura, a poesia, a música, a escultura e a arquitetura, cujo ramo principal é a Doceria.

Minha percepção da cidade ao mesmo tempo como uma construção de areia e uma doceria abandonada. O que acarreta que a gastronomia que não é uma arte como as outras serve aqui para descrever o lugar por onde ando. Como o sabor sutil do nabo.

A Unicef já convocara seus participantes. Agora é a vez dos Médicos sem fronteiras.

Safia Saddiqi, poeta pachtoun regressa do exílio, conta-nos sua recente viagem para os países de Leste. Três homens que tentaram enterrar uma bomba no caminho onde devia passar o veículo que os transportava foram descobertos e perseguidos pelos guarda-costas. O homem que agarraram teve tempo de queimar seus documentos de identidade. Gritou em árabe: “Não quero desperdiçar minhas balas com marionetes dos americanos” e estourou os miolos. Seu corpo, recolhido num lençol, regressou a Cabul no mesmo avião que ele projetara abater.

80% de iletrados entre os homens.

90% de iletradas entre as mulheres.

A alfabetização instalada pelos soviéticos foi quase nula em seus efeitos.

Pachtoun ou dari, os poemas são apenas queixas e desgraças.

Uma violência modulada.

Que fim deram às vaquinhas presas na parte traseira do automóvel cujo motor pegou ontem não longe do Bazar?

**Encontro com Nazir Ahmad Nazir**, que conhecia seus poemas de cor, e que vai transcrevê-los para a oficina de tradução. Ele não tem livro publicado. Em nossa partida ele nos deixará essa “vida” de si mesmo, perfeitamente exemplar. A tradução precipitada, assim como sua transcrição imperfeita numa língua estrangeira (uma espécie de palavra por palavra acidentada), me pareceu muito mais violenta e justa em suas incorreções. Sua beleza evidente impediu-me de retocá-la. Aqui, uma promessa não mantida em direção a Mansour.

Biografia de: Ahmad Nazir Nazir

Data de nascimento: 1983

Filho de: Nawaz Khan

Nascido em: Logar, Afeganistão

Eu me chamo Nazir Ahmed e meu nome é igualmente assim. Sou o filho de Nawaz Khan. Nasci em Logar sul de Cabul) em 1983. Eu só tinha três anos e meio quando meu pai morreu. Ele, ele eras um trabalhante sobre cruzamento (as pessoas que na procura de um trabalho quotidiana fica nos cruzamento da cidade para que os construtores procurem eles). Depois de seu morte, é minha mãe que era obrigada a cuidar de tudo. Costurante roupas das pessoas virou alfaiata) ela ganhava um pouco de dinheiro para manter nossa sobrevivida. As vezes ela ganhava dinheiro costurante peças de couro em roupas de seda feminina. Assim eu fui crescido pouco a pouco até que eu era bastante grande para ir à escola. Apesar de que minha mãe fosse analfabeta, mas assim mesmo ela me tinha mandado para a escola. Eu tinha nove anos e em terceiro ano de escola quando comecei a trabalhar. Primeiro, comecei vendendo ovos, eu achavas da aldeia e depois acompanhando meu tio materno que ocupavas um posto oficial em Cabul, eu partia em Cabul, e vendendo em atacado para os comerciantes, eu ganhava um pouco de dinheiro. Depois era meu tia que me trazia sapatos de segunda mão de Cabul, e eu vendia na cidade passando nas casas. Muitas

vezes nenhuma mulher saia para comprar pois minha vós eras tão aguda que elas pensavas que é os crianças que caçoam delas gritando. Mas depois quando tinha uma mulher que vias que é sério, eu tenho mesmo sapatos para vender, ela informavas as outras mulheres também. As vezes acontecia até que as mulheres pegavam sapatos e para me aporrinhar elas escondiam eles de mim sem me pagar. Depois eu ficavas na porta da casa gritando e chorando. As vezes elas me devolvias eles e as vezes não. Mais tarde eu vendias pul-oves e depois eu vendias verduras. Mas sempre seguindo os estudos na escola ao mesmo tempo.

Nesse tempo, eu tinha crescendo, eu catava espinhais (espinhos) nas montanhas para vender e depois eu comecei um outro trabalho: eu cortava as árvores nas margens do rio para fazer terras aráveis e assim ganhava dinheiro.

Nesse momento eu tinha ainda crescendo um pouco mais (no texto está citado assim) quando todo minha família muda da cidade para Cabul. A distância entre nossa cidade e Cabul é mais ou menos duas horas e meia de carro. Nesse momento, em Cabul, era o período dos Talibãs.

Eu fiz uma porção de diferente empregos em Cabul. Por exemplo durante o inverno ou era nas férias de inverno, eu trabalhava nas construções para levar pedaços de cimento e qualquer outro trabalho que me pediam. Para recompensa desse trabalho eu ganhava só 5kg de trigo por semana. Ao mesmo tempo eu era obrigado a trabalhar muito em escola também, mas sem ser muito ausente, eu quase muitas vezes repetir mas eu fazia falsas recomendações de medicina, simplesmente para não ser expulso por razão de muitas ausências. Uma vez eu tinha ficado tão pobre que não tinha nem dinheiro para tomar o ônibus público para partir no centro da cidade, andava a pé durante uma hora. Um momento veio onde eu sou obrigado, por causa de falta de dinheiro, de trabalhar como um cozinheiro num centro de espionagem Talibã. Em recompensa, eu aproveitava somente dos restos do que eles comia para levava para minha família com fome. Mesmo nesse momento eu não deixei minha escola, e eu estava no nono ano. O trabalho de cozinheiro constitui na preparação de café da manhã, almoço e jantar. Eu era obrigado a acordar antes do amanhecer, andar 45 min a pé até

o posto dos Talibãs. Eu punha primeiro água para ferver para fazer chá, eu saía no enquanto aquilo ferver na padaria (dez minutos a pé do posto dos talibãs) para comprar pão, depois voltando eu fazia chá e nesse momento eu tomava meu café da manhã. Devo assinalar que um dos Talibãs desse posto eras um conhecido da minha cidade, então assim ele me ajudavas muito, uma das grandes ajudas era o fato que eu poderia ir para a escola. Voltando da escola eu cuidava do almoço. E logo depois eu cuidava de compras como cebolas e batatas e outras necessidades para uma refeição para o jantar e para o almoço do dia seguinte. Quando eu acabavas de preparar o jantar, eu levavas os restos para a família. As vezes sobrava alguma coisa e as vezes não sobrava nada, minha mãe ficava com fome ainda durante a noite. Ao mesmo tempo eu lavavas as roupas também.

Depois durante o governo de Hamid Karsai, eu ficava no cruzamento para achar um trabalho por dia, isso quer dizer que eu esperavas um trabalho de construção no cruzamento, e mesmo assim, eu não achavas sempre, porque eu era baixinho e ninguém não me pegava. Nesse momento o midia e os jornais se evoluíram muito, isso me interessava muito, eu gostavas de escrever artigos e aproveitar para ganhar um pouco de grana. Meus primeiros artigos foram aparecidos no hebdomadário Kilid. Eu tinha começado a escrever a poesia desde os doze anos.

**Hoje de manhã**, partida à aurora com Mansour e o pai para Istalif. Nas portas de Cabul, o mercado de legumes e frutas. Os camponeses todos vindos com suas colheitas. Uvas em quantidade, melancias e melões. Animais vivos ou escorchados. À esquerda, grandes varas hasteadas com panos verdes. Cemitério. Homenagem aos mártires. Estrada do Norte. Campos de bombas. Beleza do vale célebre pela exportação de suas uvas frescas ou passas. Cidadelas destruídas pelos Russos e depois pelos talibãs. Casarões com torres e seteiras. Paredes derrubadas. Amoreiras das quais colhemos e comemos os frutos. Muitas videiras. Casas com clarabóias destruídas (aí se secavam as uvas). Chakardara. Vale do açúcar. Poeira dos caminhões. Estrada de terra batida até a montanha. Antes de Istalif, o Takht com seus imensos plátanos. Água da fonte. Frescor. Ausência de mulheres (sim, duas, sob véus, num automóvel). Os homens jogando baralho ou dados nos tapetes colocados no chão. Os filhos brincando nas poças d'água. Bebem chá, comem boli-



nhos, figos e amoras. Mais abaixo, nas videiras, mulheres transportam material de construção ou guardam vaquinhas. Antes de chegarem na aldeia, os automóveis são revistados por homens armados de kalachnikof. Outros circulam, a arma presa no suspensório. Um antigo grande hotel foi destruído com explosivos pelos talibãs. Queimaram as casas e os fornos dos ceramistas. Traços de lutas, de vale a vale. Compramos um quilo de biscoitos ainda mornos. Algumas cerâmicas entre as quais uma chaleira de forma ligeiramente obscena. Poeira e muito calor. Homens armados sobre burros. Meninas púberes e que circulam livremente sem se misturar com os meninos. Vendem água, figos. Um velho nos serve chá verde com cardamomo.

Mansour está muito feliz. Saindo da pastelaria, mete o pé num grande bolo que está esfriando na forma. Dá risada e compra o bolo. Colocamo-lo atrás, dentro da caixa. Regressamos, cobertos de poeira. Almoço, como biscoitos e melões.

O imperador Babour gostava de ir a ISTALIF. Teriam sido os soldados de Alexandre que batizaram esse lugar. Por causa das videiras que ornamentam os jardins: STAPHYLLA.

É aqui portanto (Cabul) que vou descobrir que Proust ignorava ou recusava empregar a exceção gramatical do feminino plural. Falando de nossos **hábitos**: *eles se tornam a forma senão de todos os nossos amores pelo menos de alguns de nossos amores que alternam entre eles...*<sup>1</sup>

Hoje de manhã, na casa de Lailâ Khauram para traduzi-la. Um estado visível de depressão impede-a de sair de casa. Conta-se que no exílio ela não suportou as leis islâmicas que pesam sobre as mulheres. E em Cabul?

Acabamos encontrando um automóvel e um chofer. Vamos partir para Bamiyân e Bandi Amir. **Verei os grandes budas** destruídos de que fala Azizia Khaus Hnaseeb em seus poemas. Saber que vou poder sair da cidade me ajuda a respirar melhor, a suportar este estado de semiclausura sutilmente traiçoeiro.

### **Partida de manhã cedo.**

---

<sup>1</sup> Em francês, *amours* é feminino no plural. (NT)

Oito horas de viagem das quais sete de pista. Em caravana levavam-se sete dias para fazer este percurso... Muito sacolejo, mas maravilhada pela beleza do que desfila. Seguimos um riacho, casas no sopé da montanha... Plantações (maçãs, trigo), bétulas e áreas onde se bate o trigo à mão. Uma organização de vida que renasce, casas que se reconstroem...

Campos de amendoeiras. E lá, repentinamente revejo jovens soldados russos, os mesmos que eu observava há pouco tempo na estação de Moscou. **Atravessando um campo de amendoeiras, pensavam eles em Mandelstam?** Mandelstam levando a amêndoa no seu nome e escrevendo que os tecidos de nosso mundo são regenerados pela morte. Que o que caracteriza o inferno é que é uma antipaisagem. Mas aqui, em toda a parte, na beleza da paisagem, traços do inferno. Estrofe após estrofe. Perto de um campo de trigo recentemente cortado, um campo de mortos com seus mastros de panos verdes. Por toda parte traços de violentos combates.

Aqui, a voz desse jovem oficial russo, coletada por Svetlana Aleievitch em seu livro *Os caixões de zinco*: “Quando pegam prisioneiros, cortam-lhes os braços e as pernas, fixam-lhes garrotes para que não morram e em seguida os abandonam. Nossa gente recolhe esses troncos que prefeririam morrer, mas cuidamos deles.”

**Cruelmente não muda. É um jogo interativo.**

Tomamos uma refeição numa aldeia. Sentados num tapete em frente de uma loja (carne com molho, pão e cebola crua). Nenhuma mulher. Bebemos chá verde. Os homens são bonitos. Armados. A luz os recorta como objetos em movimento.

Bamiyân fica a 2600 metros no centro da cadeia do Koh-i-Baba. Parece encostar-se na grande falésia dos budas. Mais de 12000 grutas com redes de galerias, capelas, células e monastérios onde durante seis séculos viveram os monges. Proveniente da Índia, essa arquitetura que repousa sobre a escavação se espalhará até a China.

Bamiyân é uma rua comprida exposta à poeira. **Dormiremos nas yourtes** que se encontram fora da cidade.

Subimos num restaurante no primeiro andar, isto é, uma sala vazia, tapetes, alguns homens sentados no chão, silenciosos. Através da janela alta e opaca de sujeira, distinguem-se os movimentos da rua. Sou evidentemente a única mulher. Recoloco meu véu. Bebemos chá que nos servem em copos que me assustam. Escapar de

um câncer para cair numa hepatite, será que é um bom plano? De repente tenho vontade de rir.

Passeio na única rua. Um homem me mostra uvas secas e amêndoas. Amontoadas. Abre a boca bem grande e ri. Henri compra dele um par de meias.

Ontem, primeira noite na yourte. Repito: entre a cabana de **LW** e a yourte não hesito. Há o círculo. O nomadismo (as impulsões). *cf.* a casa de **Malevitch** construída além de toda finalidade mas que qualquer um pode usar.

T  
Meu **A**(mor)  
T  
L  
I  
N e suas máquinas voadoras

+ **Thoreau** e sua cabana no meio da floresta (*cf.* “não escreva melhor do que o que você vale.”)

### **Gengis Khan**

*Enormes bandos de carneiros, camelos e cavalos se integravam às colunas dos cavaleiros. Os camelos transportavam as armas e as provisões essenciais (carne+leite), os carneiros serviam de alimento. Duas ou três cavalgaduras para cada soldado. Cada soldado põe um capacete de couro. Na mão uma longa lança, sabre e flechas presas na cintura. O arco é enganchado na sela. Gengis Khan dirige a expedição a partir de uma imensa yourte erguida sobre quatro rodas e arrastada por dezenas de cavalos. Protegida pelos cavaleiros de sua guarda pessoal, ela estava enfeitada com estandartes do seu clã.*

A nossa é feita de junco (é verão), mas uma parte do interior é atapetada de feltro. Os Usbeques, Tadjiques, Kirguises e Turcomenos a utilizam. A khaima negra e baixa pertence ao deserto. **Hoje de manhã** antes das 5, claridade sobre os caixilhos no interior da yourte. Berro dos burros, canto do galo. Uma voz de homem cantarola baixinho. Nenhum apelo à reza transportado pelo movimento do ar. Ler Proust embaixo de uma yourte (**insistir incansavelmente**

**na figura de Charlus, semente da obra inteira**), e isso bem perto dos nichos vazios dos budas dinamitados, eis um bom programa de habitação da realidade. Mas que realidade?

Essa aí, diante de meus olhos (escapando sim à evolução de um mundo nosso globalizado e provisoriamente dominante), ou a de um Luc Delahaye. Sua recusa de estilo. A profundidade densa que resulta. Quando no concreto ele diz que faz o que pode (e é tudo). Quando o documento se nutre de imaginário (uma ramificação subterrânea que introduz o corpo receptor no campo de ação), quando olhar é imaginar ou ver o que resiste à visão.

Para o corpo desse primeiro talibã (deitado, lembro-me do azul petróleo das meias. Ele não tem sapatos). A boca aberta. Para essa imagem chamada foto ou documento, Luc Delahaye permaneceu duas semanas sentado, no meio dos combatentes, comendo arroz, tomando chá. Esperando. Depois, a pé, na maior desordem, no momento da ofensiva. Correr. Pegar. Quando pegar é receber (uma bala, uma imagem). E a língua chamada de baixo calão diz isso. Sabe disso.

**DESCER.** Como descer.

**Imagem**

**Me come**

**Mecânica**

**Buraco queimado**

**Desabriga**

**Pálpebra ou prega**

**Uma experiência**

**Rasgada**

**Verdadeiros cadáveres**

**Em falsos ossuários**

**Lágrimas**

**Terceira pessoa**

**Idêntica**

**Fora de si**

**Na cinza**

**Misturada**

De madrugada partimos para Bandi Amir. Falo dos Hazara. Muçulmanos xiitas, são chamados “lembretes vivos das hordas mongóis que se precipitaram sobre o país atrás da bota de Genghis Khan”. E Zoroastro? Era ele o Zaratustra do namorado de Lou Andréa? Deitada à noite sob a yourte, uma voz na minha cabeça: “Que relação entre Lou Andréa e Yann Andréa?”

### **Eles foram desejados.**

Durante o banquete o cordeiro decapitado e cortado que fazem temperar num molho (iogurte, alho e pimenta do reino). Suspenderam o animal num forno quente mas sem combustível, reparando a gordura do rabo sobre a carne inteira. Duas horas bastam. O que é importante é a ausência de combustível.

### **Todo corpo desejado repousa sem combustível.**

Por que ao nome de Alexandre responde o de Rossana. E como carregados de areia fragmentos de alexandrinos. Vindos de onde? No lago, lembro-me de dois.

*“De toi dépend ma joie et ma félicité.*

*De ma sanglante mort ta mort sera suivie.”<sup>2</sup>*

Para mim será necessária a visão dos pedalinhos plásticos (azuis, rosas, verdes e amarelos) em forma de cisnes para que apareça (o puro, o grande, o forte) Racine. Mais tarde, no caminho da volta, uma águia voltejando sobre uma espécie de rato me esclarece. Em seu brasão, Racine tinha apagado o rato para manter apenas o cisne. Durante muito tempo eu pensei nesse gesto tentando encontrar no fundo de seu teatro o traço do rato apagado. Armas ou nomes + sobrenomes recebidos, fantasias privadas dos pseudônimos participariam da programação da obra como o rosto ou as impressões digitais da identidade social?

No lago, as mulheres e as meninas permaneciam agrupadas. Os homens entre eles, distantes. Cascatas. A pequena mesquita de Ali, santo padroeiro dos xiitas. A água do lago. Lugar de peregrinação contra a esterilidade.

Levam as mulheres visto que evidentemente a esterilidade dos homens não existe. Em minha opinião, lugar algum em religião alguma serve de peregrinação para homens estéreis.

---

<sup>2</sup> Tradução livre: “De ti dependem alegria e felicidade/ minha morte sangrenta seguirá tua morte”. (NT)

**Hoje de manhã** às 5 horas, em cima do teto da yourte, o ruído de pequenas patas de pássaros pousadas, seguindo as batidas das asas. Olho na penumbra para as bandas de feltro costuradas sob os arcos de madeira. (cf. O corpo de Beuys ferido, deitado no interior de uma yourte.)

As roupas do grande Buda-leste eram azuis. Mãos e rostos dourados. As do grande Buda-oeste vermelhas. Já no século 18 o último dos Grandes Moghols, muçulmano fanático, tinha atirado com canhão sobre a grande falésia, visando os rostos. Com um guia e Ahmed, subimos a partir de uma ladeira à direita do nicho profundo. Escadas de degraus altíssimos talhados na falésia e cercando o grande Buda dão acesso a uma rede de grutas superpostas. Fragmentos de ornatos esculpidos foram sistematicamente destruídos por aqueles que se vingaram desse barro modelado e pintado. No entanto, cores e linhas evocam ainda olhos, rostos e flores de lótus. A frágil respiração na qual viviam aqui os homens de ontem. A servidão anônima inseparável dessas obras.

#### **Tradição dos oprimidos.**

No bolso, levo um minúsculo desenho feito com mina de chumbo. Dobrado em quatro. Deponho-o discretamente debaixo de uma pedra, no canto de uma gruta cujo teto se compõe de ladrilhos em diagonal. Isso em homenagem às freiras budistas das quais alguns corpos eram esculpidos entre as folhas de acanto, as divindades voadoras e os demônios careteiros. Na volta, olho de modo diferente para um pequeno túmulo com seus panos verdes que murcham sob a luz.

Penso no Anjo da História. O de Benjamin. No calendário em que evoluo e que desloca meu corpo não em 2004 mas em 1425. (*Explicar aos fabricantes de imagens que um homem não morre absolutamente como no cinema onde o vemos cair assim que recebe uma bala na cabeça. Na realidade, seu cérebro explode e ele corre atrás tentando retê-lo. Ele pode correr até 500 metros.*)

À tarde, olhando para as falésias, a primeira cerveja do dia. Explicam-nos que as cervejas não serão postas na conta, pois o álcool é proibido. Um paquistanês que achou vodka transporta-a enrolada num pano.

Na aldeia, Ahmed compra 5 quilos de queijo.

Na volta, dez horas de carro das quais oito de pista. Estrada longa e penosa até Cabul onde a cidade parece escondida num banho de areia. Ao se despedir de mim, Ahmed coloca na minha mão uma pequena fivela.

Exausta, permaneço durante muito tempo sob a ducha. Nossas roupas e nossos cabelos estão brancos de poeira. A vida, variedade da morte. Raríssima. E não vão pensar que somos suficientemente estúpidos para gostar de viajar. Descrição de uma coisa que não ocorreu (os objetos realmente presentes sempre se desdobram em objetos ausentes). Tempo suspenso numa arqueologia aleatória. Este presente apagado (se apaga) – um pé posto encima de um rosto – devo tentar reinventá-lo. Fatias não de atum mas de tempo. Caixa do livro. Pequeno bloco no espaço. Objetivo: achar o olhar das mulheres de Manet nos olhos dos talibãs.

À pergunta “**onde estão os talibãs?**”, a resposta “**foram embora**” ou “**estão em toda parte**”. Uma sobreimpressão. Como as pregas na burka (há a série de pregas invisíveis que autorizam a existência da prega), seu movimento.

Mansour passa para nos levar à oficina de tradução prevista. Ele encontrou o livro da mística Rabia Balkhi.

Tão dolorida que ando mancando. Dores nos braços. Trabalhamos sobre os gazéis de Nazir. Aqui as palavras “mártir” e “tirano” se referem a poemas vivos na memória de todos.

Grande fadiga (conversa com meu caranguejo). E a “constelação maligna” que volta. Viravolta. Tenho medo (digo: se eu disser que tenho medo, estou fodida), etc.

Depois de um prato de lentilhas + coca, enrolo um cigarro e fumo lentamente, de costas para o ventilador. Muito calor. Gerador no fundo do jardim. Depois, nada além do calor. Acordo molhada de suor. Ainda sem eletricidade, isto é, sem ventilador. Penso em WB e no seu *Haxixe em Marselha*. De onde vinha o material?

Durante o sono as cores eram ao mesmo tempo violentas e confusas. O arrulho do que eu acreditava ser uma pomba-rola de Bagdá eram apenas fragmentos das músicas seccionadas pelo vento. Vontade de desenhar. Como sempre que as coisas vão mal. (cf. desenho cada vez mais escudos). Pensei nos desenhos de Michaux. Realizados sob. Esses protocolos semelhantes a uma exibição. As pombas-rolas de Bagdá. (cf. as pombas-rolas de Bagdá têm patas ver-

melhas) emanavam diretamente de um *landay*. Lavando as mãos, vi henê no interior das palmas e esfreguei energicamente. Pergunta feita a mim mesma: Como a água pode lavar uma cor visível mas sem existência real?

Agora o efeito de um leve flutuar tão agradável (tira-se o caranguejo, o corpo, o medo da morte) parece ter-se diluído. O arranhar da caneta no papel não é uma ilusão. O ar está carregado de cinza. Sobre a grama escassa, um pássaro de bico amarelo olha para mim.

Tradução de Inês Oseki-Dépré  
(Universidade de Provence)



**Liliane Giraudon** nasceu em Oppède (Vaucluse) juntamente com um irmão gêmeo (Hervey) no dia 13 de abril de 1946. É portanto do signo de Áries, como Baudelaire e Beckett. Vive em Marselha mas raramente pára em casa.

Após um doutorado sobre o poeta Tortel, preferiu ser professora de francês no ensino secundário para continuar a escrever e a produzir. Sua obra poética é considerável. Assim como seu dinamismo e espírito empreendedor. Fundou, com J.-J. Viton, a revista *Banana Split* (1980-1990) e, em seguida, a revista oral filmada em vídeo *La Nouvelle B.S.* Fundou as “Rencontres Internationales de Poésie Contemporaine” (Festival de Cogolin 1984, 1985, 1986), que reuniu poetas do mundo inteiro. Fundou, em 1992, a revista *If*, com H. Deluy, J.-Ch. Depaule e J.-J. Viton. É membro da «cosmetic company» e co-fundadora de Gaanghotel. Trabalha em colaboração com músicos, artistas plásticos, coreógrafos e atores. Como artista plástica, expõe atualmente em Bordeaux (instalações e quadros).

*Os talibãs não gostam de ficção* é um caderno de viagem ao Afeganistão, em que, em meio a uma multidão povoada de burkas e de homens armados, as palavras captam sensações, odores, paisagens e corpos urbanos, humanos...

## Livros publicados:

- *Têtes ravagées une fresque*, La Répétition, 1978.
- *Je marche ou je m'endors*, P.O.L (Hachette), 1982.
- *Billy the Kid* (In memoriam Jack Spicer), Manicle, 1982.
- *Some postcards about C.R.J. and other cards* (com J.J. Viton), Spectres Familiars.
- *La Réserve*, P.O.L, 1984.
- *Quel jour sommes-nous* (avec 1 polaroïd de l'auteur), Ecbolade, 1985.
- *La Nuit*, P.O.L, 1986.
- *V* (com 6 ilustrações de N. Balestrini), La main courante, 1987.
- *Divagation des chiens*, P.O.L, 1988.
- *Pallaksch, Pallaksch*, P.O.L (Prix Maupassant), 1990.
- *Fur*, P.O.L, 1992.
- *Les animaux font toujours l'amour de la même manière*, P.O.L, 1995.
- *Malmousque* (avec Fred Deluy), Parcelle, 1996.
- *Benjamin/Baudelaire/Marseille* (com os artistas J.-J. Ceccarelli e P. Box), Cornaway, 1997.
- *Parking des filles*, P.O.L., 1998.
- *Anne n'est pas Suzanne*, La main courante, 1998.
- *Poème pour la main gauche*, com J. J. Viton, La Main Courante, 1999.
- *Homobiographie*, Farrago, 2000.
- *Sker*, P.O.L, 2002.
- *La fiancée de Mahkno* (images cosmetic company), P.O.L, 2004.
- *Durée du temps du rut des rossignols* in 49 Poètes un collectif, Flammarion 2004.
- *Carnet de nuit à Reykjavik*, Fidel Antelme X, 2004.
- *L'onanisme d'Hamlet*, Les cahiers de la Seine, 2004.
- *Les Talibans n'aiment pas la fiction*, Inventaire, 2005.
- *Mes bien-aimé(e)s* (ilustrações de Christophe Chemin), Inventaire, 2007.

## Antologia:

- 29 femmes. Poésie en France depuis 1960 (em colaboração com H. Deluy), Stock, 1994.